

## **IGUATU-CE PELO ARQUIVO DAS LENTES: ANÁLISE URBANA COMO INSTRUMENTO DE APREENSÃO DE MEMÓRIAS**

**Jefferson Aleff Bezerra Batista<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Graduado em Arquitetura e Urbanismo (Unicatólica – Quixadá-CE), Mestre em Educação (Universidade Regional do Cariri – URCA), Igatu-CE, [jeffersonaleff2@gmail.com](mailto:jeffersonaleff2@gmail.com)

### **Introdução**

As ressignificações do território podem ser atreladas e utilizadas como instrumento de investigações do urbano, por intermédio da imersão total nele, em uma aproximação corpo a corpo, que visa transpor as fronteiras psicogeográficas, para reconstruir o mapa dos fragmentos urbanos. Ao passo que nos percebemos como parte estruturante do meio que nos cerca, sentimos a necessidade de lhe dar valor, e logo preservá-lo, pois um ambiente só existe se houver relações que se estabeleçam ali, onde estas proverão de memórias construídas ao longo do tempo.

Ao se levantar discussões acerca das relações afetivas, a memória surge como o eixo integrador do agir de um ser humano com o seu espaço, dotando-o de significado e transformando-o em lugar, uma vez que a conexão entre os sujeitos da pesquisa, o território e as memórias partiu do ato de caminhar, ancorada nos conceitos da deriva urbana. Segundo Jacques (2003) a ação de caminhar possui, principalmente, a finalidade de se locomover, tendo sido esta finalidade, modificada ao longo dos anos, passando de uma simples locomoção, para um modo de perceber, sentir e relembrar.

Portanto, o caminhar tem por intenção diagnosticar os nuances do território proporcionando conhecer lugares desconhecidos e (re)visitar ambientes, gerando conexões informais. A análise urbana, vista como um ato lúdico para Debord (1958) é uma oportunidade para uma manipulação instantânea entre o passado e o presente, onde ambos se aproximam, são condensados e, acima de tudo, podem ser manipulados de forma criativa.

A presente pesquisa parte da hipótese de que o ser humano precisa e necessita conhecer o território de uma forma livre, lúdica, poética e performática, sem rumo e sem trajeto, para que assim possa remodelar as suas crenças e reafirmar a sua relação de ser e estar na cidade (Lynch, 1982). Além disso, este estudo pressupõe que os conhecimentos adquiridos ao longo da deriva, proporcionam uma imagem única e própria do local escolhido, agregando significados, funções e memória.

A ação norteadora deste trabalho, parte das experiências desenvolvidas pelos estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo de uma instituição de ensino privado na cidade de Iguatu-Ce. À vista disso, a presente pesquisa justifica-se, em termos científicos, por abordar a temática de estudos voltados às percepções nos espaços e da relação pessoa ambiente, da afetividade e do senso de lugar como forma de resgate da memória.

Existem pesquisas como a de Debord (1958), Lynch (1982) e Jacques (2003) que construíram bases teóricas importantes para essas temáticas. Em termos institucionais, tem-se a oportunidade de levar a reflexão acerca das contribuições das teorias de percepção e memória e como elas podem corroborar com a elaboração de metodologias, que possibilitem a potencialização e fortalecimento das memórias pessoais e coletivas.

Com isto, o presente artigo tem por objetivo apresentar a metodologia da análise urbana, a partir da percepção dos espaços, como possibilidade para os estudos de memória no curso de arquitetura e urbanismo. Como objetivos específicos, podemos destacar o processo de reaproximação com os espaços, através da ação performática de atravessamento nos territórios explorados pelas derivas e as possibilidades de apreensão e trabalho com temáticas voltadas à percepção e memória.

## **Metodologia**

Quanto ao percurso metodológico, esta pesquisa define-se como aplicada e exploratória, pois possui o interesse em proporcionar maior familiaridade com as problemáticas, percepção e apreensão dos lugares, com vistas a torná-lo mais explícito. Segundo Gil (2008), esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pois não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, centrando-se na explicação e dinâmica das relações sociais, a partir de diferentes métodos.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa ela abrangeu duas etapas distintas: a análise urbana e a construção dos fanzines. Na primeira etapa, os estudantes escolheram lugares das suas cidades que, na percepção deles, fossem considerados geradores de memórias afetivas, sejam elas pessoais ou coletivas, para realizar a análise urbana. A análise utilizou-se dos princípios de ação elaborados por Careri (2001): ouvir a intuição e desejo; “perder-se” dentro do local escolhido; construir um campo relacional a partir dos objetos e/ou mobiliário existente no local da deriva; mudar a rota sempre que necessário; sempre deixar um final aberto.

A análise ocorreu de forma individual, onde cada estudante matriculado no componente curricular Introdução à Arquitetura e Urbanismo, desenvolveu sua própria deriva, visto que as percepções, cognições e vivências são pessoais e intransferíveis. Como recorte metodológico da pesquisa, utilizaremos os resultados do único estudante que utilizou a cidade de Iguatu-Ce como lócus da pesquisa.

A construção do fanzine como procedimento metodológico apresenta-se como possibilidade criativa e visual das percepções de memória, apoiando-se na subjetividade proporcionada pelo afastamento e ausência de regras, além do desenvolvimento sensorial e sensibilidades, de forma que conecte os indivíduos ao tempo da contemporaneidade. Os materiais utilizados na pesquisa foram fotografias reveladas e materiais de papelaria utilizados na construção dos fanzines. A análise dos dados partiu da personalidade e subjetividade dos estudantes, bem como os registros do que cada autor considerou importante retratar ao longo do percurso.

## **Resultados e Discussões**

Primeiramente, é importante deixar claro que os resultados fogem das ferramentas tradicionais, concentrando-se em uma metodologia diferenciada para a análise do território, ao contrário dos urbanistas modernos, que baseavam seus estudos nas leis universais. Além disso, é interessante pensar na proximidade entre a memória guiada pelos lugares e equipamentos públicos e a potência dessas trocas geracionais capaz de contribuir com a transformação de um espaço em lugar.

As apreensões dos estudantes sobre os elementos e ambientes norteadores da deriva serão apresentadas na íntegra a partir da transcrição dos textos contidos nos fanzines. A descrição obedecerá à ordem numérica decidida pelos estudantes e editada pela autoria desta pesquisa, como forma lógica de repasse do conteúdo apreendido.

O primeiro registro tem como implicação inicial a Escola São Sebastião, por se tratar da primeira escola na qual o estudante estudou, onde a análise perpassou por ambientes externos e internos, e apreendeu elementos de valor simbólico e afetivo para ele. Segundo o estudante, a estrutura da escola praticamente não mudou desde à época em que ele começou a estudar lá. O pátio, os corredores e as salas de aula ainda trazem memórias boas e ruins, pois ao mesmo tempo que o faz lembrar das amizades que ali fez, evoca sentimentos de angústia pelas semanas de provas.

Um dos elementos simbólicos para essa análise, se deu através da tradição de enfeitar as salas de aula com bandeirinhas juninas no mês de junho. (Figura 1).

Figura 1: Escola São Sebastião.



Fonte: Autor, 2026.

O segundo ambiente analisado faz alusão a um marco histórico do bairro em que o estudante reside. O lugar escolhido para essa percepção foi a piladeira de arroz, onde antigamente, funcionava a associação dos moradores do bairro Barro Alto, lugar que já abrigou inúmeras festas e reuniões que sempre encerravam com um lanche para as crianças. O estudante destaca que atualmente, o prédio da piladeira de arroz serve como indicador urbano para os ônibus escolares que trafegam com estudantes (Figura 2).

Figura 2: Piladeira de arroz do Barro Alto.



Fonte: Autor, 20246

## Conclusões

A análise urbana revela um território carregado de significados e memórias, onde as relações e as forças que nela aparecem durante o caminho, e que com ela provocaram sentimentos e imaginários, é o resultado desta experiência físico-prática. Nesta perspectiva, a pesquisa vista como experiência não é uma mera aplicação de teorias ou a execução de procedimentos metodológicos prescritivos.

A experiência da análise urbana não separa a teoria da prática, dos espaços de reflexão e de ação. Perceber e sentir um território não são experiências separadas e distantes, pois a proposta da deriva é que o pesquisador se inclua no território, compreendendo a expressividade e singularidade deste ambiente e como consequência, lembrando memórias.

Conclui-se que a exploração é única e necessária para a investigação do território, pois proporciona maior entendimento do espaço que habitamos. É necessário se permitir revisitar lugares já conhecidos, mas com outro olhar, talvez o olhar mais simples, ou sem expectativas. Recomenda-se que qualquer pessoa realize este exercício para exploração e entendimento do contexto local, de modo que a partir deste conhecimento ele possa acessar memórias afetivas, sejam elas individuais ou coletivas.

## Palavras-chave

Arquitetura e Urbanismo; Fotografias; Investigação do Território;

## Referências Bibliográficas

CARERI, Francesco. Walkscapes. **El andar como práctica estética**. Barcelona: Editora G. Gili, 2001.

DEBORD, Guy. **Teoria da Deriva**. Revista Internacional Situacionista, n.2, 1-12, 1958.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JACQUES, Paola Beristein. (Org.). **Apologia da Deriva**: Escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1982.